

MAISA PIRES PACHECO



**APONTAMENTOS SOBRE ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO BÁSICA**

Belo Horizonte  
2014

MAISA PIRES PACHECO

**APONTAMENTOS SOBRE ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO BÁSICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Fabiana De Lucca Munaier

BELO HORIZONTE  
2014

Pacheco, Maisa Pires. 1973.

Apontamentos sobre Artes Visuais e educação básica: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Maisa Pires Pacheco – 2014. 37 f.

Orientadora: Fabiana De Lucca Munaier.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Munaier, Fabiana De Lucca. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707

MAISA PIRES PACHECO

APONTAMENTOS SOBRE ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO BÁSICA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Fabiana De Lucca Munaier

---

Fabiana De Lucca Munaier.– EBA/UFMG

---

Patrícia de Paula – EBA/UFMG

BELO HORIZONTE  
2014

Dedico esse trabalho àqueles que me fazem acreditar que a Arte é vida. A toda a equipe do NEPIE – Núcleo de Estudo e Pesquisa Infância e Educação, que me entusiasma e incentiva na busca do conhecimento. Aos meus filhos adoráveis Bruna, Rafael e os gêmeos Gabriel e Nicolás, bebês que muito alegam nosso lar. E aos amigos que Deus colocou na minha vida, dando apoio e condições para a realização de mais este projeto de vida. ...e para Ele? Ah! Para Ele dedico meu coração!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela força e equilíbrio, sempre presente em minha vida, em cujas mãos repousam a mais perfeita justiça e em cujos desígnios podemos confiar.

Ao meu amado marido Marcos pelo apoio incondicional, se fazendo presente e enfrentando inúmeros desafios para estar ao meu lado.

À coordenação, aos professores, aos tutores e orientadores que estiveram presentes virtualmente e provocaram inquietações importantes, muitas das quais resultaram nesta escrita.

Especialmente, agradeço à orientadora Fabiana De Lucca Munaier, pela orientação construtiva e segura. Também pelo empenho e responsabilidade no encaminhamento do presente trabalho.

*“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”.*  
*John Dewey*

## RESUMO

O tema investigado neste Trabalho de Conclusão de Curso, uma monografia, também dá-lhe nome: “Apontamentos Sobre Artes Visuais e Educação Básica”. O objetivo geral do estudo foi analisar e compreender o ensino e a aprendizagem de artes visuais no Brasil, para o alcance do qual foi utilizada a revisão bibliográfica. No mundo globalizado contemporâneo em que tudo é visto, instantaneamente, de todos e em todos os lugares, no qual as pessoas são bombardeadas o tempo todo por imagens veiculadas das mais diferentes maneiras (televisão, mídias impressas, *out-doors*, Internet etc.), ao trabalho com a linguagem visual na educação deve ser dada a devida importância na formação dos cidadãos que, se não forem adequadamente formados para “ler” tantas imagens, as aceitam passivamente e com elas aprendem, inconscientemente, aquilo que lhes enriquece e aquilo que lhes empobrece enquanto seres humanos, sem autonomia de pensamento e sem liberdade de escolha.

Palavras-chave: Artes Visuais. Ensino e Aprendizagem. Educação Básica.



## LISTA DE SIGLAS

CBC – Conteúdo Básico Comum

DBAE - *Discipline Based Art Education*

LDB - Lei de Diretrizes e Base

LDBEN - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

LDBN – Lei de Diretrizes e Base Nacional

NEPIE – Núcleo de Estudos Pesquisa Infância e Educação

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS .....	10
Introdução .....	11
1. ARTE: CONCEITOS, OBJETIVOS, RELAÇÕES.....	13
1.1 - Arte em linguagem verbal: o que é? .....	13
1.2 – Das Artes Visuais.....	18
2. ENSINO E APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS.....	22
2.1 – Aspectos socioculturais.....	22
2.2 – Aspectos metodológicos: rápidas considerações.....	24
3. EDUCAÇÃO BÁSICA .....	28
3.1 – Artes visuais e educação básica.....	28
3.1 – Docentes de Artes Visuais.....	30
Considerações Finais.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

## Introdução

Neste trabalho de natureza monográfica serão tratadas, em relação à educação básica, apenas as artes visuais, cujos conceitos são intrínsecos ao conceito geral de arte que, por isso, muitas vezes será objeto de reflexão. Os apontamentos feitos são resultantes de uma revisão bibliográfica, pequena, resumida e simples reunião de pensamentos de estudiosos recolhidos em livros e documentos oficiais sobre esse assunto.

Na educação formal básica, a disciplina de arte e, nela, especificamente, as artes visuais, deve formar os estudantes para a compreensão, a interpretação e a crítica da imagem, artística e/ou, por consequência, não artística. Embora possa parecer que isso, para as artes visuais, é uma responsabilidade excessiva, se o seu ensino e a sua aprendizagem se derem de forma adequada, elas podem contribuir, sim, para a consecução dessa tarefa que, certamente, é indispensável na formação do indivíduo, para a vida, e não só para o trabalho explorável pelas classes dominantes. Assim, o papel do professor e o da escola é imprescindível para que os cidadãos formados sejam conscientes de que têm um direito à arte, senão como artistas, no mínimo como fruidores e conhecedores de arte. E, para ser bom professor, não bastam esforço e talento, são necessárias boas condições de formação e de atuação, que estão a cargo do Estado e, portanto, também da sociedade.

Sucintamente já apresentados o tema ("Apontamentos Sobre Artes Visuais e Educação Básica", que também dá título a esta monografia) e a justificativa da necessidade deste trabalho, agora dar-se-á conhecimento da metodologia utilizada, a revisão bibliográfica, da qual constam obras de autoria e organizadas por Ana Mae Tavares Barbosa, uma das pesquisadoras em ensino de artes mais conhecidas e respeitadas do país e até no exterior, e de Lucimar Bello Pereira Frange, além de várias monografias defendidas na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e documentos oficiais, todos listados ao final do texto.

A estrutura e a organização deste estudo, cujo principal objetivo era analisar e compreender o ensino e a aprendizagem de artes visuais na

educação básica no Brasil, assim apresenta-se: esta introdução, o desenvolvimento, em três capítulos, a conclusão em forma de considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas.

O capítulo um, “Arte: conceitos, objetivos, relações...”, dividido em duas partes, “Arte, em linguagem verbal: o que é?” e “Das artes visuais”, faz uma reflexão sobre o que diz seu título, com o auxílio de muitos autores reconhecidos na área. “Ensino e aprendizagem de artes visuais” é o capítulo de número dois, que traz duas partes: “Aspectos socioculturais” e “Aspectos metodológicos – rápidas considerações” que surgiu como uma parte do texto da introdução, mas que, por questões didáticas, passou a fazer parte então do capítulo dois. O capítulo três, “Educação básica” trata deste assunto por meio de seus dois subcapítulos: “Artes visuais e educação básica” e “docentes de artes visuais”. Por fim, breves considerações concluem o trabalho, cujos assuntos obviamente não foram esgotados e ficam a requerer muitas e novas pesquisas.

## **1. Arte: conceitos, objetivos, relações...**

### **1.1 Arte em linguagem verbal: o que é?**

Neste primeiro capítulo pretende-se discutir alguns conceitos de arte, objetivos, relações..., sem, contudo, tratar de determinadas questões que podem emergir nesse contexto, como: se o nome da disciplina deve vir no plural ou no singular; se deve ser escrito com letra inicial maiúscula ou não; se não seria melhor ter permanecido a denominação “educação artística” e se deve-se chamá-la de “arte-educação” ou “educação em arte”, entre outras. Não porque não se considere importantes essas questões, mas porque esse não é o objetivo deste estudo e porque intenciona-se, aqui, apenas dialogar (já que o procedimento metodológico escolhido para a execução deste trabalho é a revisão bibliográfica) com alguns estudiosos, sem grandes pretensões, sobre arte.

Como conceituar arte, definir seus objetivos e compreender suas relações com outros fatos e outras áreas da vida humana em um trabalho acadêmico do qual se exige rigor científico, e objetividade e clareza na linguagem discursiva, na qual ele tem que ser elaborado, se arte envolve subjetividades, sentimentos, sensibilidades, sonhos, imaginações, belezas e prazeres?

Como falar científica e racionalmente sobre arte, se arte não é ciência? Como falar sobre arte, se não se é artista ou, ao menos, não se é reconhecido enquanto tal? Como falar sobre arte se não se reconhece que todo e qualquer ser humano, no mínimo, é um fruidor de arte? Como falar de arte, numa sociedade materialista, sem lhe reconhecer uma utilidade imediata?! Como falar de arte sem falar de artistas, de talentos...?

Para Buoro e Costa a Arte é conceituada como:

Uma linguagem capaz de dar conta de conhecimentos específicos do ser humano em suas relações consegue, com o outro e com o mundo em que vive. Arte não serve para nada útil e imediato e, como disciplina dentro da grade curricular, é uma oportunidade importante de viver aprendizagens ligadas ao sensível, pois nos permite

sonhar, refletir, imaginar além de pensar. Rubem Alves<sup>1</sup> diz: “Que seria de nós sem a arte? Que seria de nós só com executivos? Essa é a tragédia: as escolas não estão criando um espaço para que as pessoas desenvolvam a beleza. O que traz felicidade é a beleza”. (BUORO & COSTA, 2007, p. 252).

Não se pode deixar de prestar atenção, na citação de Buoro e Costa, a essa primeira finalidade dada por Rubem Alves à educação e à escola: formar pessoas felizes, para o que é necessário não só trabalhar adequadamente a arte como disciplina do currículo, mas também é preciso levar os estudantes e os professores a encontrarem a arte (no sentido de beleza e prazer) de todas as outras disciplinas escolares. Para isso, como ensina Rubem Alves, a disciplina de Arte é um lugar privilegiado. Compreende Alfredo Bosi que:

Arte é um fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer. A arte emerge da vida e, dela emergindo, dela se distingue, afirmando-se numa Coisa com especificidade própria. São aspectos inseparáveis como a vida penetra na arte, assim a arte age na vida. (BOSI, 1985, *Apud* FRANGE, 1995. p. 32-34).

Essa relação simbiótica de que Alfredo Bosi fala, entre a arte e vida, a vida e a arte, leva, inevitavelmente, à afirmação de que a vida sem arte não tem graça. Precisa-se dessa “coisa” tão difícil de ser conceituada, definida, muito mais fácil de ser vivida, reconhecida, apreciada. E ainda traz à lembrança outra questão relacionada ao conceito de arte: é a arte que imita a vida ou é a vida que imita a arte?

Buoro e Costa (2007) encerram seu artigo “Por uma construção do olhar na formação do professor” com uma citação de Rubem Alves que, além da finalidade que a educação tem de formar pessoas felizes, traz uma ou outra: a de dar meios para as pessoas viverem.

Uso uma imagem para traduzir *as duas tarefas da educação*. Sempre carregamos duas caixas, uma de ferramentas (facas, serrotes, computadores, palavras)... [que] nos dá *meios para viver*, mas não *razões para viver*. *As razões para viver estão nas caixas dos brinquedos*. O que são os brinquedos? São coisas que não servem para

---

<sup>1</sup> As autoras se referem ao artigo “A complicada Arte de ver” escrito em 2.004 por Rubem Alves e publicado no Jornal “A Folha de São Paulo”, Caderno Sinapse, 24 de out. de 2.004, p. 19.

nada. Não tem a menor utilidade prática. Qual a utilidade de um pião, da bola de gude, de um jogo de computador? Por que então a gente brinca? Porque dá prazer. Tudo que serve para nada, mas dá prazer é brinquedo. As sonatas de Mozart, os poemas de Fernando Pessoa. Não servem para nada, não são técnica. A única função da gente na caixa de ferramentas é arranjar a chave que abra a caixa de brinquedos. (ALVES, Rubem. 2006 p.10, *apud*. BUORO E COSTA, 2007, p. 268). Grifos nossos.

Ensina Rubem Alves que as razões que são necessárias pra viver e os meios para isso podem ser obtidos pela educação. Não se pode desprezar nem as razões nem os meios. Os dois são necessários e deve haver equilíbrio, correta proporcionalidade entre eles. Uma parte da Educação tem a finalidade de facilitar a obtenção dos meios e a outra parte, do qual consta a disciplina de arte, tem a finalidade de levar os alunos a descobrirem, a despertarem essas razões.

De certo modo mais pragmática e objetivamente do que Rubem Alves com sua “poesia” e “ludicidade”, Rosa Iavelberg, por tratar a Arte como útil na formação profissional, relaciona Educação e Arte na expressão “educação em arte”. Para a estudiosa:

A educação em Arte ganha crescente importância quando se pensa na formação necessária para uma adequada inserção social, cultural e profissional do jovem contemporâneo. Ela imprime sua marca ao demandar um sujeito de aprendizagem criador, propositor e reflexivo e inovador. Se hoje o aluno deve ser formado para enfrentar situações incertas e para resistir às imposições de velocidade e de fragmentação que caracterizam a contemporaneidade, a arte pode colaborar e muito. (IAVELBERG, 2014, p. 02)

Assim, conforme Iavelberg, para enfrentar a contemporaneidade, a vida, com suas incertezas, imposições e novos conceitos mutantes de tempo e espaço, a arte é imprescindível, ou seja, a arte é imprescindível no cotidiano, no dia a dia.

De forma semelhante ao modo como Rubem Alves e Alfredo Bosi concebem a arte, Artigas compreende-a, na história do conhecimento do ser humano, como aquilo que oferece, na vida, ao ser humano, a

capacidade e a oportunidade de ser e agir no mundo. E a arte isso oferece a quem a faz e/ou a quem dela desfruta. Nas palavras de Artigas:

O ser humano, através da arte, especula, explora e modifica o mundo físico e social com novos instrumentos e formas criativas, nem sempre utilitárias. A história do conhecimento do ser humano tem dois aspectos: de um lado é dominar a natureza, descobrir seus segredos, obter suas generosidades e interpretar suas hostilidades. Dominar a natureza era e é uma técnica criativa de obrigá-la às nossas necessidades e desejos. De outro lado é fazer história, é conectar interrelações entre ser humano e história como iniciativa, interpretação e construção criativa do ser humano (Vilanova Artigas *apud* Frange, p. 30-31).

Artigas leva os seus interlocutores às seguintes conclusões: “a arte está em tudo”, “a arte é de todos e para todos”. E, então, como se manifesta, assim tão democraticamente. Pode-se entender que, para Artigas, nem a técnica nem a história são elaboradas pelo homem sem a ajuda de um tanto de arte, de modo que ela toma um sentido e um significado muito amplos ao se pensar nas inúmeras formas pelas quais a vida e ela se realizam. Da mesma forma pode-se dizer que a arte é inerente ao homem e que nenhum homem, ainda aqueles dos quais se afirma que não fazem arte, fica imune a ela, seja pela sua produção seja pela sua apreciação e uso, consciente ou inconscientemente.

Discorda de Iavelberg e se aproxima de Rubem Alves, de Alfredo Bosi e de Artigas, em seu conceito de arte, Lucimar Bello Pereira Frange em “Por que se esconde a violeta?” (1995, p. 24-25). Veja-se, em uma longa citação, porém não cansativa, por ser genuína, corajosa, por vir do fundo da alma (e também por não se querer cortar a palavra da autora), o que afirma Frange:

Arte é arte. Educação é educação. Não existe história-educação, geografia-educação, matemática-educação, português-educação como disciplinas e assim por diante, mas existem História, Geografia, Matemática, Português dentro dos nossos currículos. A Arte tem que resgatar sua autonomia na educação formal e/ou informal. Muito menos existe “educação-artística”; arte não é adjetivo de educação. Discordo, radicalmente, destas terminologias, “arte-educação e educação artística”, e para onde elas têm levado e possam levar. Arte, muito menos, é disciplina



para ser avaliado com notas e aprovações e/ou reprovações de alunos. Arte é tema mais profundo e ampliado [...]

No meu entender, arte não é uma parte da educação, nem da história da arte, muito menos da estética, Arte é arte, educação é educação, história da arte é história da arte. Temos trabalhado com arte nos espaços educacionais referindo-nos somente a uma educação formal instituída. Onde estão os espaços para uma educação instituinte? Arte está no espaço do instituinte. (FRANGE, 1995, p. 24-25).

Propõe Frange um novo estatuto para a educação (e dessa nova educação, sim, a arte poderia fazer parte) e, como quem exige qualidade no ensino de arte, não o faz sem propor qualidade na educação como um todo. Entendendo-se “instituinte” por criação, expressão, liberdade, beleza, prazer, identidade, cooperação etc., na educação, escolarizada e não escolarizada, não tem tido arte. Frange retorna ao assunto colocando que:

Arte não é e nem pode ser disciplina, a menos que disciplina mude de significado. Arte muito menos é atividade conforme propõe a Lei 5.692/71 no Brasil.

Arte é Arte [...], com toda a sua autonomia. Fazer arte com horas marcadas, com notas e avaliações, com objetivos e métodos estabelecidos é uma falácia. (FRANGE, 1995, p. 226).

Frange, em outra parte de sua obra (1995, p.224), afirma: “A arte nos espaços formais ou informais de educação é um conhecimento em pesquisa-ação e em questionamento constante”. Desse modo, Frange acaba por reconhecer a relação entre arte e educação, mas a partir de uma ideia e de uma atitude em que essa relação, no espaço do instituinte, seja, segundo Ana Mae Barbosa, “epistemologia da arte e, portanto, é [...] a investigação dos modos como se aprende arte nas escolas de 1º grau, 2º grau, na universidade e na intimidade dos ateliers”. (BARBOSA, 1991, p. 7, *apud* Frange, 1995, p. 224).

Por fim, não se pode deixar de lembrar que nem todos os homens fazem arte, do mesmo modo que nem todos fazem ciência, filosofia ou praticam uma religião, mas todos são afetados, de alguma forma, por elas.

O homem faz ciência porque precisa dominar a natureza e transformá-la em produtos que satisfaçam as necessidades que ele próprio vai criando para si e que às vezes não são realmente necessidades. Faz filosofia porque precisa responder à questão: o que sou? Cria e pratica religião porque precisa se religar a Deus. Cria instituições porque é um ser gregário que só vive em sociedade e precisa organizá-la. O homem faz arte. Para que? Por quê?

A resposta já a deu Rubem Alves, lá atrás, porque precisa brincar, porque precisa ter prazer, dar sentido à existência. Cultura, arte, educação e vida e, portanto, pessoas, estão tão intimamente ligadas que, caso se separe, dessa simbiose, uma, as outras não sobrevivem ao menos não em sua essência.

## **1. 2 Das Artes Visuais**

A concepção de arte como um fenômeno vital, inexorável e irreprímível torna-a um dos mais importantes elementos na formação do homem, assim como as ciências, a filosofia, a religião, a política e instituições como família, escola, Estado. Como tudo que é humano é plural e está em constante ação (transformação, mutação, transição, criação, recriação...), a arte existe em várias formas: música, dança, teatro, literatura, artes visuais, cada qual com suas linguagens e especificidades, podendo se apresentarem juntas e misturadas ou não. Assim as artes visuais são listadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN`s):

As artes visuais, além das formas tradicionais – pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, objetos, cerâmica, cestaria, entalhe, incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas do século XX: fotografia, moda, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance, holografia, desenho industrial, arte em computador. Cada uma dessas modalidades artísticas tem a sua particularidade e é utilizada em várias possibilidades de combinações entre elas, por intermédio das quais os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si com outras pessoas de diferentes maneiras (BRASIL, 1998, p.63).

Obviamente, há que se considerar que nem tudo que parece arte e se diz que é arte é arte, principalmente em se tratando de artes visuais, porque, desde que os seres humanos ficaram de pé, o órgão do sentido que mais utilizam para perceber o mundo é a visão e a imagem às vezes os escraviza e todas as imagens passam a ser arte ou eles não conseguem mais ver arte nas imagens. Além disso, há a chamada indústria cultural e o consumismo, que ajudam a embotar não só a visão, mas todos os sentidos quando o assunto é arte, cultura, ideias etc.

A arte, resultado da ação de um artista e da interação entre obra/artista e fruidor, proporciona um prazer que é único, um prazer que vem da compreensão da harmonia e do equilíbrio da relação das coisas entre si (estética, beleza) e da relação das coisas com o espírito do homem e do seu espírito com as coisas (estado artístico).

Assim, a arte toma certa expressão e consistência e se fixa numa realização objetiva. Aí se tem o artista e a arte. Mas nem sempre esse estado artístico, que é próprio do homem, consegue se fixar, se materializar. Como ele é inquieto e não se contenta de não ser, não ter ou não estar, justamente por ser proveniente do espírito, ele se realiza na apreciação, na fruição, no desfrute da realização objetiva (arte) feita por outros, que também só assim se completa.

Fusari (2001, p.71, *apud* SOUSA, 2010, p.27) explica que todas as modalidades (tradicionais ou não) artísticas em artes visuais são caracterizadas pela visualidade, cada qual com suas particularidades. No entanto, ressalta que “todas se compõem de expressões e representações da vida, materializadas em formas visíveis que podem ser estáticas e em movimento, bi e tridimensionais”.

Dentre as obras de artes visuais, nas escolas, a que tem maior utilização são os filmes, mas quase nunca nas aulas de arte. Na maioria das vezes o uso de filmes serve apenas para a ilustração de temas trabalhados em outras disciplinas, ou para a produção de algum texto, ou para manter os

alunos em sala quando falta algum professor, ou como prêmio por bom comportamento ou porque o professor não sabe o que fazer.

Quanto à utilização nas aulas de artes visuais de manifestações artísticas audiovisuais, Pimentel, Cunha e Moura alertam que:

O produto audiovisual como articulador pedagógico nas escolas está, atualmente, na maioria das vezes, apenas relacionado com a mera apresentação ilustrativa de outras disciplinas dentro da sala de aula. Seu uso ainda não é aplicado como expressão artística própria, como parte de um estudo exclusivo e de uma produção autônoma e independente. (PIMENTEL, CUNHA E MOURA, 2006, p.44).

É preciso se discutir a questão do uso de filmes, vídeos etc., da imagem, até mesmo porque, devido à predominância da visão sobre os demais sentidos, é preciso ensinar a leitura de imagens. Como também é preciso, cada vez mais saber melhor usar a linguagem discursiva, para aprender a expressar conhecimentos (e hoje o que mais se exige das pessoas é que elas saibam aprender e na Internet, por exemplo, quase tudo está em textos verbais e por enquanto ainda não existem tradutores automáticos de linguagem visual para discursiva e vice-versa), é preciso promover a relação entre linguagem visual e linguagem discursiva.

O pensamento de Pimentel está em conformidade com as recomendações dos PCN`s.

A educação de artes visuais requer entendimento sobre os conteúdos, materiais e técnicas com os quais se esteja trabalhando, assim como a compreensão destes em diversos momentos da história da arte, inclusive a arte contemporânea. Para tanto, a escola, especialmente nos cursos de Arte, deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal (PCN`s, 1998, p.63).

Ana Mae Tavares Barbosa faz coro com Pimentel, Cunha e Moura e com os PCNs. Ou melhor, eles fazem coro com ela, porque, já antes, em 1997, ela tinha tratado do assunto e alertado para a importância do professor e para os interesses econômicos envolvidos no uso de recursos audiovisuais na educação, principalmente em arte. Barbosa afirma que:

O vídeo em sala de aula sem a presença do professor para estimular, orientar a discussão e estender o conhecimento veiculado vai servir apenas para dar dinheiro às produtoras que importam caros equipamentos para as campanhas eleitorais e ficam sem ter o que fazer até a eleição seguinte. Estou afirmando isso depois de haver sido, por sete anos, consultora do projeto Arte na Escola, da fundação IOCHPE, que até 1995 confiava grande parte da aprendizagem da criança à fruição de vídeos sobre arte, sem, entretanto, descuidar da preparação do professor para potencializá-los educacionalmente, oferecendo inclusive cursos bem embasados [...]. (BARBOSA, 2002, p.11 e 12).

Citação longa, mas clara, cristalina. Nas aulas de Arte é imprescindível a presença de um professor capacitado e nas aulas de outras disciplinas também.

## 2. Ensino e Aprendizagem de Artes Visuais

### 2.1 Aspectos socioculturais

Certamente, em uma aula de artes visuais, nenhum aluno chega sem já ter sido exposto a alguma de suas formas e a imagens de maneira geral e também não deixará de ser menos exposto, devido ao predomínio da visualidade nos meios de comunicação de massa, ou seja, ele já tem um conhecimento de mundo sobre isso e que precisa ser considerado, tanto porque o que ele sabe precisa ser valorizado quanto porque também ele “terá seus próprios interesses estéticos, ponto a partir do qual ele poderá ser levado para um envolvimento mais amplo” (LANIER, 2002, p.50. *In*: BARBOSA, org., 2002).

O mundo atual caracteriza-se por uma utilização da visualidade em quantidades inigualáveis na história, criando um universo de exposição múltipla para os seres humanos, o que gera a necessidade de uma educação para saber perceber e distinguir sentimentos, sensações, ideias e qualidades. Por isso, o estudo das visualidades pode ser integrado nos projetos educacionais. Tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente. (PCN`s - Arte, 1997, p.45)

A essa educação pode-se chamar de educação visual e ela precisa ser integrada aos objetivos da educação oficial de formar pessoas para a cidadania, a vida e o trabalho, coletivamente, mas observando tanto quanto possível suas singularidades.

A educação visual deve considerar a complexidade de uma proposta educacional que leve em conta as possibilidades e os modos de os alunos transformarem seus conhecimentos em arte, ou seja, o modo como aprendem, criam e se desenvolvem na área. (PCN`s, 1997, p.67)

O poder da arte é reconhecido por quem lida com a força e o poder político desde a Antiguidade, tanto que instituições e sociedades totalitárias sempre a tentam controlar. No Brasil há um exemplo recente disso que foi a censura que as artes de maneira geral e a imprensa sofreram durante a

ditadura militar. Desse modo, uma educação libertária não pode negar a arte.

Considerando mais uma vez o predomínio da imagem na vida contemporânea e a necessidade de realização profissional, há algumas profissões que estão diretamente relacionadas a uma boa educação visual, como a produção de *out-doors*, cinema, televisão, vídeo, publicação de livros, artes gráficas em geral, como capas de CDs, *design* gráfico, decoração, *design* de moda etc. (BARBOSA, 2008, p.21).

O ensino de artes visuais na escola, enquanto linguagem serve, dentre tantas finalidades, ao desenvolvimento cultural e à inserção social dos cidadãos que a frequentam. Conforme Barbosa:

Para alcançar tal objetivo é necessário que a escola forneça um conhecimento sobre a cultura local, a cultura dos vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações. No que diz respeito à cultura local, pode-se constatar que quase sempre apenas o nível erudito é admitido na escola (Tarsila, Portinari etc.). As culturas de classes sociais economicamente desfavorecidas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que estão envolvidos na educação dessas classes. (BARBOSA, 2008, p. 19 e 20)

Ao ignorar as culturas das classes sociais economicamente desfavorecidas a escola contraria o pensamento de Piaget sobre a função da educação em arte. Para Piaget:

A educação artística deve ser antes de tudo, a educação da espontaneidade estética e da capacidade de criação que a criança, desde pequena, já manifesta. Ela não pode, menos ainda que qualquer outra forma de educação, se contentar com a transmissão e a aceitação passiva de um ideal completamente elaborado: a beleza, como a verdade, não vale senão quando recriada pela pessoa que a conquista. (PIAGET, 2007 *Apud*).

Na arte “a transmissão e a aceitação passiva de um ideal completamente elaborado” não ocorrem somente em seu ensino na escola; ocorrem também quando “os museus discursam sobre a qualidade de suas obras,

oferecem interpretações consagradas<sup>2</sup>” o que “emascula e neutraliza a arte<sup>3</sup>”.

Junte-se a esse pensamento de Barbosa (2008) o ensinamento de Piaget e concluir-se-á que, de fato, a beleza (arte) e a verdade não valem senão quando recriadas pela pessoa que as conquista e que se o caminho percorrido para a recriação de uma pode levar à recriação da outra, é imprescindível o ensino de arte para a criação da consciência de si, do outro, da classe, do mundo em que se vive.

A essa falta de consciência que a negação da arte pode causar junta-se o preconceito de classe, que faz com que os museus de arte e, por isso, também a escola, neguem a estética do cotidiano e com que seja condenada, na escola e em outros espaços relacionados à arte e à cultura, a convivência com objetos artísticos produzidos por diferentes classes sociais (BARBOSA, 1995. *In*: FRANGE, 1995)

Aos professores, não só de artes visuais, mas de todas as outras disciplinas, é que cabe analisar, criticar, interpretar e relacionar o que é relevante para sua cultura, seu meio, sua ideologia, assim como para os estudantes a quem ensinam, já disse Barbosa (2008).e isso é, de fato, muito importante e é para ser levado em consideração, por todos os envolvidos na educação, principalmente professores, pais de alunos e alunas de escolas públicas, que não são a elite.

## **2.2 Aspectos metodológicos: rápidas considerações**

Sendo a arte, a cultura, a aprendizagem e o ensino (educação) intrínsecos ao homem, elas compõem um tripé que cria e sustenta o jeito humano de ser e de existir em cada lugar, em cada tempo, com seus sujeitos e suas especificidades. Para Barbosa:

---

<sup>2 e 3</sup> Essas são afirmações de Amélia Arenas, curadora de educação do Museu de Arte Moderna de Nova York, feitas em entrevista ao Jornal O Estado de São Paulo, Caderno 2, de 27/04/94, citadas por Ana Mae Barbosa no prefácio da obra “Por que se esconde a Violeta?”, de Frange, 1995.p.12



Não podemos entender a Cultura de um país sem conhecer a sua Arte. A Arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. (BARBOSA, 2008, p.17).

Barbosa (2002b, 4ª edição) faz no trecho citado na página 22 deste trabalho, que começa com “o vídeo em sala de aula sem...” e termina em “oferecendo inclusive cursos bem embasados...”, o que ela própria chama de acerto de contas consigo mesma. A primeira edição do livro, organizado por Barbosa e que conta com textos de diversos outros autores, no qual está este trecho, é de 1997.

Aquele parágrafo encerra-se assim: “[...] *metodologicamente através da Abordagem Triangular*.”. Em 2006, Barbosa, com coragem e ousadia heroicas, fez outro *mea culpa*, sobre a abordagem triangular do ensino de arte, da qual, neste trabalho, optou-se por não tratar, por dois motivos: primeiro, o foco principal deste estudo não são as metodologias de ensino de arte, apesar de se reconhecer a sua extrema importância para o sucesso do processo ensino-aprendizagem; segundo, devido à leitura do artigo “Zig-Zag, Arte-Educação e Mediação”, de 2006, de Barbosa, no qual ela faz esse *mea culpa*.

O artigo originou-se de uma palestra proferida pela professora no XX Seminário Nacional de Arte e Educação (Montenegro: FUNDARTE, 2006, v. 1, p. 8-9). A “abordagem triangular” ou “proposta triangular”, quando sistematizada por Barbosa em 1987 a partir da adaptação da abordagem metodológica do DBAE – *Discipline Based Art Education*<sup>4</sup>, projeto desenvolvido pela *Getty Foundation* dos Estados Unidos foi primeiramente denominada de “metodologia triangular”. Mas, conforme Magalhães, “a designação ‘metodologia’ foi revista pela autora. ‘Hoje recuso a ideia de metodologia por ser particularizadora, prescritiva e pedagogizante, mas subscrevo a designação ‘triangular’ [Barbosa: 1997, p. 17] *apud*

---

<sup>4</sup> Segundo Rizzi, o DBAE pode ser “traduzido como ‘Arte-Educação Entendida como Disciplina’”, p. 65 de *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2008.

(MAGALHÃES, In: BARBOSA, 2008, p. 170. No artigo de 2.006, Barbosa afirma:

[...] temos trabalhado com a proposta ou abordagem triangular que compreende as ações de fazer, ver e contextualizar. *Esta abordagem metodológica vem sendo transformada* nos últimos quinze anos pela ação recriadora de professores e pesquisadores.

*Hoje a metáfora do triângulo já não corresponde mais à sua estrutura.* Parece-nos mais adequado representá-la pela figura do zig-zag, pois os professores nos têm ensinado o valor da contextualização tanto para o fazer como para o ver. O processo pode tomar diferentes caminhos /CONTEXTO\FAZER\CONTEXTO\VER ou VER\CONTEXTUALIZAR\FAZER\CONTEXTUALIZAR\ ou ainda

FAZER\CONTEXTUALIZAR\VER\CONTEXTUALIZAR\.

Assim, o contexto se torna mediador e propositor, dependendo da natureza das obras, do momento e do tempo de aproximação do fruidor, enfim, da unidade subjetil”(sujeito+objeto). p. 2. Grifos nossos.

Para encerrar o que a mestra Barbosa ensina, com essa revisão, além, obviamente, dos conhecimentos construídos por ela, só usando as palavras de outro grande mestre e artista, João Guimarães Rosa: “mestre não é quem sempre ensina, mas quem, de repente, aprende”.

O sujeito da “unidade subjetil” de que fala Barbosa pode ser tanto o aluno como o professor, em seu aprender contínuo. Alerta Coutinho sobre o fato de que na formação e na prática do professor devem-lhe ser dados meios para ele conhecer o aluno.

O conhecimento dos outros sujeitos do processo, os alunos, não deve se restringir às questões psicológicas. Como indivíduos eles fazem parte de segmentos culturais diferenciados, com seus códigos e articulações particulares que precisam ser localizados e respeitados. Trabalhar com a alternância de valores culturais e sociais é um exercício salutar e democrático. Aprendemos também com Paulo Freire que a hegemonia cultural é uma arma que deve ser conhecida para ser combatida e desmascarada tanto quanto possível. (COUTINHO, 2008, p. 157. In: BARBOSA, 2008).

A hegemonia da indústria cultural, principalmente da produção de filmes, é estadunidense. A da Internet também. Para combater essa ou qualquer

outra hegemonia, particularmente no reino das artes visuais, é preciso, na educação, promover a educação visual.

Essa educação visual é aquela, independentemente de que metodologias se utilizem, capaz de levar os estudantes a desenvolverem a percepção de mundo (parafraseando-se Paulo Freire), a imaginação (pois, como disse Einstein, e com ele não se discute em matéria de inteligência racional e científica, é mais importante ter imaginação do que ter inteligência), o conhecimento de mundo, a criatividade e a crítica que permite analisar a realidade, desejar mudar o que é preciso ser mudado e, com esperança, que pode ser encontrada na lida com arte e com gente, ao menos tentar mudar.

### 3. Educação Básica

#### 3.1 Artes Visuais e educação básica

No Brasil, na Educação Básica, que inclui a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, a disciplina de Arte é obrigatória. Essa obrigatoriedade foi criada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, ou LDBEN, ou LDBN – Lei nº 9.394/96. Mas essa lei não especifica se essa obrigatoriedade é para todos os anos/séries, o que deixa brecha para que algumas instituições de ensino não a cumpram.

Reza o artigo 26, parágrafo 2º desta lei que “O ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Para Pimentel, Cunha e Moura (2006), “é necessário que o ensino de arte esteja presente durante toda a vida escolar do aluno, em todas as séries”.

A Proposta Curricular ou o CBC – Conteúdo Básico Comum da disciplina Arte para os Ensinos Fundamental e Médio da Secretaria do estado de Educação de Minas Gerais, de autoria de Lúcia Gouvêa Pimentel, Evandro José Lemes da Cunha e José Rodolfo Moura (2006) e elaborada de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Arte, está em conformidade com o paragrafo 2º, do artigo 26, da LDB, supracitado e especifica a capacidade que a Arte tem de promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Arte é a oportunidade de uma pessoa explorar, construir e aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos. O ensino de Arte deve possibilitar a todos os alunos a construção de conhecimentos que interajam com sua emoção, através do pensar, do apreciar e do fazer arte. (PIMENTEL, CUNHA E MOURA, 2006, p.33)

Mas, no ensino e na aprendizagem de arte, tanto na educação básica quanto na de nível superior, no Brasil, não se pode tomá-la apenas em seu aspecto de expressão individual, é preciso compreendê-la como cultura, por isso, como um fato também social, porque cultura nunca é individual, no sentido de isolado.

Os PCN`s esclarecem a importância da Arte como disciplina na educação formal.

Arte tem função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades. A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e de dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação tanto no realizar de formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 1997, p. 19).

Pimentel, Cunha e Moura (2006) avançam quanto à função e à importância do ensino de arte na educação formal. Para esses autores, a arte estimula o pensamento e a curiosidade, que pode ser revertida em pesquisa, estudo, e ação, e não unicamente em arte, o que mostra o seu caráter integrador, inter-relacional, humanizante e, por isso, sua função social e socializadora.

É sabido que, dentre as áreas do conhecimento que contribuem para incitar o pensamento, a arte ocupa um lugar de destaque. Nela, o estudo-ação está sempre presente, pela própria obrigatoriedade da especulação constante, pois tanto o artista quanto o estudioso ou o fruidor lançam mão do pensamento para executar ou analisar a obra de arte (PIMENTEL, CUNHA E MOURA, 2006, p.12).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN`s) de Arte (1997) reforçam a importância do ensino de arte na educação básica para a formação de cidadãos com personalidade, com comportamento, com caráter e com identidade própria, mas também com identidade social, ou seja, com noção de pertencimento e com a responsabilidade que esse pertencimento (ter e ser, dar e receber, estar ..., em relação aos outros e a si mesmo e ao ambiente e ao tempo) traz .

No transcorrer do ensino fundamental, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possam, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os

bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade. (PCN's, 1997, p. 49).

A interiorização da arte, a formação em arte, democratiza, rompe barreiras e preconceitos, cria novas e melhores formas de ser e viver. Liberta, desde que seja realizada com consciência, competência, responsabilidade, compromisso. Nesse sentido, Pimentel esclarece que:

Arte além de ser um modo de pensar e chegar a produções inusitadas e estéticas propõe novas formas de ver o mundo e de apresentá-lo com registros diferenciados. Também é uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político (PIMENTEL, 2009, p. 24).

Ana Mae Barbosa ensina que:

[...] apesar de ser um produto de fantasia e de imaginação, a arte não está separada da economia, política, e dos padrões sociais que operam na sociedade moções, culturais (BARBOSA, 1989).

E quando se constrói a história, individual e social, se é sujeito, e o dilema de “ser ou não ser”, seja lá o que for que se esteja questionando: ser ou não ser sujeito, gente, agente político, artista, professor, homossexual, heterossexual, crente, materialista..., fica mais fácil de manejar e, assim, às vezes, ainda que apenas momentaneamente, fica-se livre da canseira da vida.

### **3.2 Docentes de Artes Visuais**

Conforme Barbosa (2008, p.15), “a falta de preparação de pessoal para entender Arte antes de ensiná-la é um problema crucial, nos levando muitas vezes a confundir improvisação com criatividade”. Essa falta de formação específica também pode levar educadores a transformarem a aula de Arte/Artes Visuais na escola em uma linha de produção de “lembrancinhas” ou apenas em espaços para liberar as emoções (Barbosa, 2008, p. 21).

Há ainda os que transformam as aulas de artes em artes de desenho geométrico, considerado muito mais útil, portanto, mais valorizado,

conforme uma visão positivista de mundo e de educação, ou em aulas de literatura e produção de texto, uma vez que a linguagem verbal tem maior valor na formação dos estudantes. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte reconhecem que:

O ensino de arte é área de conhecimento com conteúdos específicos e deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, capacitação dos professores para orientar a formação do aluno (BRASIL, 1997, p.37).

Nessa questão da capacitação dos professores é preciso lembrar que ela não depende só de atitudes e desejos individuais dos professores. O Estado tem, junto com a família, o dever de proporcionar educação a todos os cidadãos, segundo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

O Estado tem, portanto, o dever de capacitar em processo de formação inicial e/ou continuada, os professores, de oferecer-lhes condições adequadas a essa formação e, uma vez oferecidas, não abrir mão desse princípio de ter professores capacitados. O Ensino de Arte não só requer professores especializados, mas também requer especialistas em cada uma de suas áreas específicas. Conforme Pimentel, Cunha e Moura:

A área de conhecimento ARTE é ampla e engloba para fins de estudo, no ensino fundamental, quatro áreas específicas: artes visuais, dança, música e teatro. Para cada uma delas, é necessário um professor especialista e condições mínimas de infraestrutura para que seu ensino seja significativo. (PIMENTEL, CUNHA E MOURA, 2006, p.11).

Segundo Pimentel, Cunha e Moura o ensino e a aprendizagem de arte devem frutificar nas várias áreas do conhecimento com as quais trabalha a educação formal, só que, lembram os autores muito bem, isso só pode ser conseguido com a atuação responsável de professores bem preparados e com boas condições de trabalho.

[...] a vivência e a reflexão em arte [...] deverão se expandir para diferentes áreas do conhecimento.

Para isso, é necessário que o professor tenha uma base de conhecimentos que lhe possibilite a ampliação de pensamento, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus alunos quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos. (PIMENTEL, CUNHA E MOURA, 2006, p.13)

Por tudo isso, não é apenas “[...] incluindo arte no currículo que a mágica de favorecer o crescimento individual e o comportamento do cidadão como construtor de sua própria nação acontece”. (BARBOSA, 1998 p.17 *apud* RIBEIRO, p.14). Para Pimentel:

Saber como a Arte é concebida e ensinada na escola, como se expressa em cada cultura e que significado tem para um indivíduo e para sociedade é importante para que possam ser planejadas as ações necessárias para seu ensino/aprendizagem (Pimentel, 2009, p. 24, *apud* Pereira 2011, p. 21).

E é assim que se pode quebrar a hegemonia cultural, lembrando Paulo Freire, conhecendo, sem medo, sem preconceito, a própria cultura através da arte e da educação e a própria arte através da cultura e da educação, mas uma educação vivenciada, experienciada, libertária. Também refletindo sobre a importância da escola para o acesso à arte e à cultura, Ana Mae Barbosa entende que a escola:

[...] seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação. (...) A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e a formação estética de todas as classes sociais (...) (BARBOSA, 2007, p.33, *apud* RIBEIRO, 2010, p. 39).

Quando se fala “a escola”, evidentemente, está se dizendo também “os professores”, porque a existência de uma implica a dos outros. Assim, parafraseando Barbosa, pode-se afirmar: o professor é o agente, o sujeito, que pode tornar o acesso e o ensino e a aprendizagem de arte possíveis para a maioria dos estudantes, principalmente os de escolas públicas do Brasil.



Na medida em que as mudanças no ensino de Arte no Brasil levaram a um maior compromisso dele com a cultura e com a história do que apenas com o desenvolvimento da livre-expressão do aluno, foi possível perceber que “todos podemos compreender e usufruir a Arte” (BARBOSA, 2008, p. 17), portanto, há um direito à Arte e há um direito à educação em Arte na escola.

Certamente, a disciplina de Arte, e, nela, a de Artes Visuais, ministrada por professores competentes e eficientes tem muito a contribuir para a efetivação de uma boa educação, cujas principais metas, segundo Piaget são:

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe. (Jean Piaget *apud* CARDOSO, G. Pinturas negras de Cândido Portinari, 2010 .monografia).

Nesse mesmo sentido, diz a sabedoria popular (sim, porque aqui, neste trabalho não se hierarquiza os conhecimentos) que quem anda no caminho trilhado pelos outros só consegue chegar onde esses outros chegaram. Ora, dirão os pessimistas, o mundo não tem jeito, o que existiu até hoje foram guerras e mais guerras, violências e mais violências, sofrimentos e mais sofrimentos, miséria e mais miséria, desigualdades e mais desigualdades, injustiças e mais injustiças... Ora, podem dizer os coerentes e sensatos, como dizia Paulo Freire (1999, p.21), que a realidade só parece estática e imutável para aqueles que não têm um compromisso autêntico com a vida, por isso não se capacitam nem profissionalmente nem para a vida, não querem conhecer nem utilizar o patrimônio cultural, que é de todos. Homens novos para fazer coisas novas são produzidos pela educação que não pode prescindir da arte nessa sua tarefa.

### **Considerações Finais**

Concorda-se com a necessidade de mudanças profundas e urgentes na educação hoje praticada nas escolas, inclusive no trabalho com as artes visuais, mas há que se observar que essas mudanças não podem ser feitas apenas pela troca das práticas dos professores na sala de aula. Tanto os cidadãos quanto o Estado têm que compreender que a educação não está isolada das demais áreas da vida e que, por isso, são requeridas mudanças nas outras áreas também, como a diminuição das desigualdades sociais. No entanto, é certo que essa luta pode, sim, ser iniciada pelos educadores, que têm, assim, o importante papel de esclarecer e convocar os outros cidadãos para a luta, dentro e fora das salas de aula.

São da responsabilidade do poder público ações eficientes de formação desses educadores. Não basta criar leis que tornam o ensino desta ou daquela disciplina obrigatória, é preciso se preocupar com como elas estão sendo ensinadas, é preciso se preocupar com as condições de formação continuada e trabalho desses educadores. Há um direito à arte e à educação em arte; há também um direito ao acesso à arte, tanto pelos professores de todas as disciplinas, quanto pelos estudantes e demais cidadãos. Tomando-se arte como parte inseparável da cultura, o governo, de certa forma, tem reconhecido isso, tanto que criou um programa de concessão de ajuda financeira para pessoas pobres usufruírem de arte, cultura, diversão, lazer. É pouco, muito pouco ainda, mas é melhor que nada.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Apud BUORO & COSTA, 2007.

BARBOSA, Ana Mae. Teoria e prática da educação artística. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. Imaginação na cognição: o propósito da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.) Arte – Educação: Leitura no subsolo. 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.) Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 2002a.

\_\_\_\_\_. Arte-Educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2002b.

\_\_\_\_\_. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: Com Arte, 1998.

\_\_\_\_\_. disponível em <<http://www.elobo.com.br/texto/>> acessado em 12 de março de 2014.

BOSI, Alfredo. Apud FRANGE, LBP. Por que se Esconde a Violeta? 1985.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República do BRASIL. 1988.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC/SEF, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUORO, Anamélia Bueno & Costa, Bia. In: OLIVEIRA (org). Arte, Educação e Cultura. 2007.

CARDOSO, G. Pinturas negras de Cândido Portinari na década de 30: possibilidades para o ensino de Artes Visuais e da história e da cultura Afro-Brasileira. Monografia (Especialização Em Ensino de Artes Visuais) - Escola de Belas Artes – UFMG, Belo Horizonte. 2010.

FRANGE, L. B. P. Por que se esconde a violeta? 1. ed. São Paulo: Annablume, 1995.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender Arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MINAS GERAIS, Secretaria de Educação. *Proposta Curricular. ARTE para o ensino fundamental e médio*. Consultores: Lúcia Gouvêa Pimentel (Coord.) Evandro José Lemes da Cunha, José Adolfo Moura. Rio de Janeiro. 2006.

PEREIRA, K. A. O. O Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil. Monografia - Especialização Em Ensino de Artes Visuais - Escola de Belas Artes – UFMG, Horizonte. 2011.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Metodologias do ensino de Artes Visuais. Curso de especialização em ensino de Artes Visuais à distância. V.I, p. 24-37, 2013.

RIBEIRO, G. R. O uso da imagem cinematográfica no ensino de Artes Visuais na Rede Pública Estadual de Minas Gerais. Monografia Especialização em Ensino de Artes Visuais – Escola de Belas Artes – UFMG, Belo Horizonte. 2010.

SCHWENCK, M. G. C. Cerâmica: relato de uma experiência no campo da arte e seu ensino. Monografia Especialização Em Ensino de Artes Visuais - Escola de Belas Artes – UFMG, Belo Horizonte. 2010.

SOUSA, R. O. “Oh! Está movimentando...”: produzindo animação em uma escola pública. Monografia Especialização Em Ensino de Artes Visuais - Escola de Belas Artes – UFMG, Belo Horizonte. 2010.